

Baixa renda planeja comprar itens essenciais para escapar da inflação

Dos que pensam em consumir, 28% priorizam alimentos, higiene e limpeza

Flávia Oliveira

• Na pesquisa sobre a reação do carioca à alta do dólar, o Instituto Fecomércio (Ifec-RJ) dividiu os consumidores em duas faixas de rendimento: os de renda familiar de até oito salários-mínimos por mês e os que ganham mais de R\$ 1.600. Os dois segmentos têm percepções semelhantes em relação aos efeitos da valorização da moeda americana em suas vidas. Mas os consumi-

dores de renda mais baixa são os mais preocupados em garantir o suprimento de produtos essenciais.

Entre os cariocas com renda de até oito mínimos que pretendem consumir, 28,57% planejam comprar alimentos e itens de higiene e limpeza. Entre os que ganham mais de oito pisos, a proporção é zero. Não por acaso, é a inflação dos mais pobres que mais cresce.

Nos seis primeiros meses de 2002, o Índice Nacional de Pre-

ços ao Consumidor (INPC-IBGE) — que mede a inflação dos que ganham até oito mínimos por mês — subiu 3,42%, contra 2,94% do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), referência do sistema de metas do governo — que considera o orçamento das famílias que vivem com até 40 pisos mensais. A cesta básica da Associação de Supermercados do Rio (Asserj), depois de meses em queda, subiu em junho e julho.

Os cariocas de renda mais

baixa também se mostram mais preocupados em pagar dívidas (14,29%) e reformar a casa ou o escritório (14,29%). Já na renda mais alta, 15,79% dos que pretendem comprar priorizam os imóveis.

O endividamento é outro pavor dos cariocas. Nove em cada dez entrevistados disseram que a ocasião é inoportuna para contrair dívidas. A proporção é de 93% entre os de baixa renda e 96% para quem ganha mais. ■